

O TRABALHO DAS MULHERES NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO EM 2013: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

A presença das mulheres no mercado de trabalho voltou a crescer em 2012, quando sua taxa de participação aumentou de 55,4%, em 2011, para os atuais 56,1%. Para os homens, esse indicador manteve-se praticamente estável, ao passar de 71,3% para 71,5%.

Após oito anos consecutivos de redução, a taxa de desemprego total feminina permaneceu estável em 12,5%, enquanto a masculina aumentou de 8,6% para 9,4%, entre 2011 e 2012.

Para as mulheres, a estabilidade da taxa de desemprego é decorrente da criação de postos de trabalho praticamente no mesmo número das que se incorporaram à força de trabalho da região.

A geração de novas oportunidades de trabalhos foi mais intensa para as mulheres do que para os homens. Entre as mulheres, cresceu o número de ocupações principalmente nos Serviços.

A formalização das relações de trabalho continuou se ampliando para ambos os sexos, mas de forma mais intensa para as mulheres, em especial nas ocupações com carteira de trabalho assinada no setor privado e, em menor intensidade, no setor público. Entre os homens, essa expansão deve-se unicamente ao pequeno aumento do contingente com carteira assinada no setor privado.

O aumento do contingente de trabalhadores com vínculos formais elevou o rendimento médio real por hora tanto para as mulheres (5,8%) quanto para os homens (5,2%). Esse desempenho pouco alterou a diferença entre os dois segmentos: em 2011, os valores médios auferidos pelas mulheres correspondiam a 76,6% dos obtidos pelos homens e, em 2012, essa proporção passou para 77,0%.

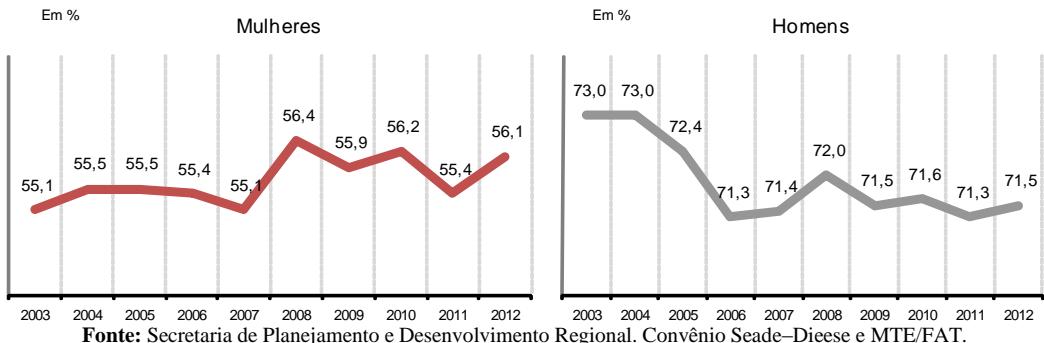
Taxa de participação feminina retoma crescimento

A proporção de mulheres com dez anos de idade ou mais inseridas no mercado de trabalho, na situação de ocupadas ou de desempregadas – taxa de participação feminina –, aumentou de 55,4% para 56,1%, entre 2011 e 2012 (Gráfico 1). Esse comportamento retoma a trajetória de

expansão observada ao longo da série histórica. Na última década, após a relativa estabilidade dos primeiros cinco anos, o crescimento da economia em 2008 elevou a taxa de participação para um novo patamar, que, com exceção de 2009 e 2011, situa-se acima de 56,0%. Os pequenos decréscimos verificados em 2009 e 2011 devem-se, principalmente, aos reflexos da crise econômica internacional, no primeiro ano, e à acomodação do mercado de trabalho após o intenso crescimento verificado em 2010, no segundo.

Com esse movimento, a atual taxa de participação feminina encontra-se em patamar elevado, praticamente alcançando a observada em 2010, que é a segunda maior registrada (56,2%). Por sua vez, a taxa de participação masculina (71,5%, em 2012) apresentou relativa estabilidade e vem se mantendo praticamente no mesmo patamar desde 2006, após uma longa trajetória de declínio.

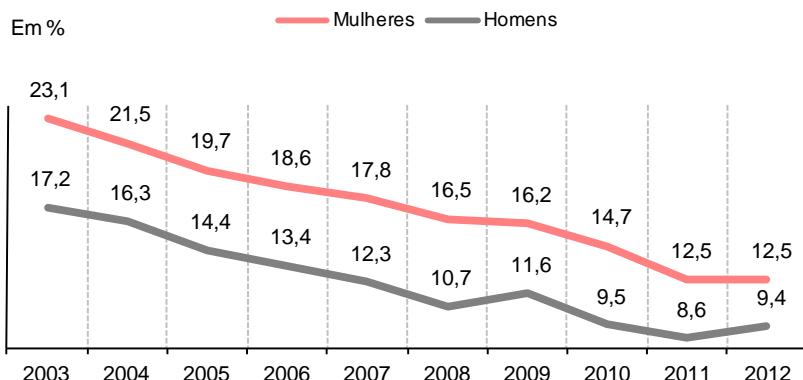
Gráfico 1
Taxas de participação, por sexo
Região Metropolitana de São Paulo – 2003/2012



Taxa de desemprego permanece estável

Entre 2011 e 2012, a taxa de desemprego total das mulheres permaneceu estável em 12,5%, a menor da última década, enquanto a dos homens elevou-se de 8,6% para 9,4%, no mesmo período, sendo este o segundo aumento nos últimos dez anos (Gráfico 2).

Gráfico 2
Taxas de desemprego total, por sexo
Região Metropolitana de São Paulo – 2003/2012



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

O declínio da taxa de desemprego feminina, na última década, foi resultado do crescimento econômico e do aumento do nível de ocupação, além de refletir as transformações nas relações familiares, em que o modelo de família baseado no chefe masculino provedor vem se alterando e criando novas dinâmicas nas relações dos membros da família com o mercado de trabalho. É na família que as possibilidades de cada um inserir-se no mundo do trabalho são decididas. Essas decisões são pautadas não apenas pela conjuntura econômica, mas também pelas relações de gênero e de idade, posição na família e atribuições domésticas segundo a composição da família.¹ Além disso, têm-se o aumento da capacitação das mulheres para melhor se inserirem no mundo do trabalho e o crescimento da sua escolaridade, que é maior em comparação ao dos homens.²

Aumento da ocupação é mais intenso entre as mulheres e formalização cresce

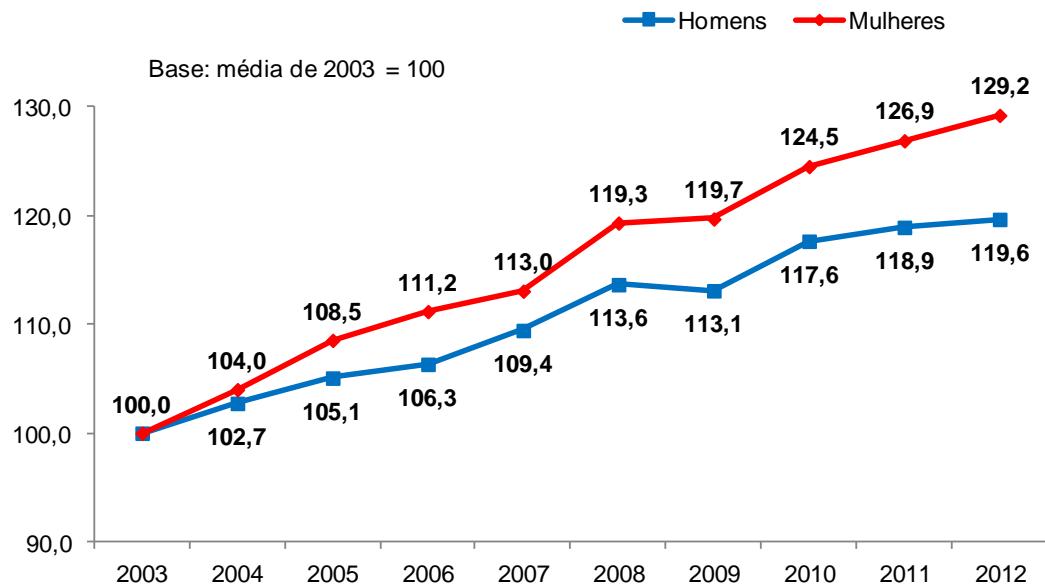
A criação de novos postos de trabalho, em 2012, foi mais acentuada entre as mulheres (1,8%) do que entre os homens (0,6%) (Tabela 1), fato que vem se repetindo ao longo da última década (Gráfico 3).

Apesar desse movimento, a participação feminina no total de ocupados pouco se alterou, passando de 45,5%, em 2011, para 45,8%, em 2012.

¹ ver: *Arranjo familiar e inserção feminina no mercado de trabalho da RMSP na década de 90*. Boletim Mulher & Trabalho, n. 10 dezembro 2002 e *A inserção de chefes e cônjuges no mercado de Trabalho*, Estudo Especial, março 2009. Disponível em: <www.seade.gov.br>

² O que não resulta, necessariamente, em rendimentos semelhantes. Ver: *Inserção das mulheres com escolaridade superior no mercado de trabalho*. Boletim Mulher & Trabalho, março de 2011. Disponível em: www.seade.gov.br

Gráfico 3
Índices do nível de ocupação, por sexo
Região Metropolitana de São Paulo – 2003/2012



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

Em 2012, a ampliação do nível de ocupação das mulheres deveu-se quase que exclusivamente ao desempenho positivo dos Serviços (3,8%), uma vez que, apesar do elevado porcentual de crescimento na Construção (6,8%), ainda é muito reduzida a presença feminina nesse setor de atividade (Tabela 3). O aumento do nível de ocupação para os homens também se concentrou nos Serviços (2,8%) e na Construção (3,9%).

Reduziram-se os níveis de ocupação para ambos os sexos na Indústria de Transformação e no Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas. No que se refere às mulheres, o decréscimo na Indústria de Transformação (-2,6%) e no Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (-3,1%) foi mais intenso do que para os homens (-1,1% e -2,4%, respectivamente).

Tabela 1
Variação do nível de ocupação, por sexo, segundo setores de atividade econômica
Região Metropolitana de São Paulo – 2011/2012

Setor de atividade	Em porcentagem	
	Mulheres	Homens
TOTAL (1)	1,8	0,6
Indústria de Transformação (2)	-2,6	-1,1
Metal-mecânica (3)	1,0	-2,1
Construção (4)	6,8	3,9
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (5)	-3,1	-2,4
Serviços (6)	3,8	2,8
Transporte, armazenagem e Correio (7)	-0,3	1,2
Informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; atividades profissionais, científicas e técnicas (8)	-0,3	3,8
Atividades administrativas e serviços complementares (9)	3,1	-1,2
Administração pública, defesa e segurança social; educação, saúde humana e serviços sociais (10)	6,3	4,0
Alojamento e alimentação; outras atividades de serviços; artes, cultura, esporte e recreação (11)	6,8	6,3
Serviços domésticos (12)	0,6	17,1

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

(1) Base: média de 2011 = 100. (2) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extractivas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar. (3) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar; (4) Divisões 24, 25, 26, 27, 28, 29 da CNAE 2.0 domiciliar. (5) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar. (6) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar; (7) Inclui atividades imobiliárias (Seção L da CNAE 2.0 domiciliar). (8) Seção H da CNAE 2.0 domiciliar. (9) Seções J, K, M da CNAE 2.0 domiciliar. (10) Seção N da CNAE 2.0 domiciliar. (11) Seções O, P, Q da CNAE 2.0 domiciliar. (12) Seções I, S, R da CNAE 2.0 domiciliar.

Nota: A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010. Vide nota técnica nº 12.

O ritmo mais intenso de crescimento do nível de ocupação nos Serviços fez com que o setor respondesse, em 2012, por 69,8% das mulheres ocupadas (Tabela 2). Entre 2011 e 2012, merece destaque a expansão do emprego no agrupamento administração pública, defesa e segurança social; educação; saúde humana e serviços sociais (6,3%), nos serviços de alojamento e alimentação, artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços (6,8%) e na atividades administrativas e serviços complementares (3,1%).³

³ A partir de janeiro de 2011, a Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED passou a utilizar, na captação das informações referentes aos setores de atividade, a Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE domiciliar 2.0, interrompendo, assim, as séries históricas que utilizavam a classificação anterior.

Tabela 2
Distribuição dos ocupados, por sexo, segundo setores de atividade econômica
Região Metropolitana de São Paulo – 2011/2012

Setores de Atividade	Em porcentagem			
	Mulheres		Homens	
	2011	2012	2011	2012
TOTAL (1)	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria de Transformação (2)	13,5	12,9	21,8	21,4
Metal-mecânica (3)	2,9	2,8	10,1	9,9
Construção (4)	0,8	0,8	12,5	12,9
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (5)	16,7	15,9	19,6	19,0
Serviços (6)	68,3	69,8	44,2	45,1
Transporte, armazenagem e Correio (7)	2,4	2,3	10,0	10,0
Informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; atividades profissionais, científicas e técnicas (8)	9,7	9,5	9,7	10,0
Atividades administrativas e serviços complementares (9)	8,3	8,4	7,8	7,7
Administração pública, defesa e segurança social; educação, saúde humana e serviços sociais (10)	20,0	20,9	7,1	7,3
Alojamento e alimentação; outras atividades de serviços; artes, cultura, esporte e recreação (11)	12,5	13,2	8,3	8,8
Serviços domésticos (12)	14,7	14,7	0,5	0,6

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

(1) Base: média de 2011 = 100.

(2) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extractivas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar. (3) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar.

(4) Divisões 24, 25, 26, 27, 28, 29 da CNAE 2.0 domiciliar. (5) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar. (6) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar.

(7) Inclui atividades imobiliárias (Seção L da CNAE 2.0 domiciliar). (8) Seção H da CNAE 2.0 domiciliar. (9) Seções J, K, M da CNAE 2.0 domiciliar. (10) Seção N da CNAE 2.0 domiciliar. (11) Seções O, P, Q da CNAE 2.0 domiciliar. (12) Seções I, S, R da CNAE 2.0 domiciliar.

Nota: A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010. Vide nota técnica nº 12.

Quanto à forma de inserção no mercado de trabalho, merece destaque o aumento do número de ocupações mais protegidas pela legislação trabalhista – em especial o assalariamento com carteira assinada no setor privado e no setor público (Tabela 3). Também cresceu o número de empregadas domésticas, após dois anos de redução, e unicamente devido às diaristas.

Entre os homens, o assalariamento no setor privado com carteira de trabalho assinada ampliou-se em menor proporção e, ao contrário do que se observa entre as mulheres, diminuiu no setor público. Importante salientar que, apesar do elevado crescimento registrado entre os empregados domésticos, é ínfima a proporção daqueles que trabalham nessa atividade.

Tabela 3
Variação do nível de ocupação, por sexo, segundo posição na ocupação
Região Metropolitana de São Paulo – 2011/2012

Posição na ocupação	Em porcentagem	
	Mulheres	Homens
Total	1,8	0,6
Total de assalariados (1)	3,1	-0,7
Setor privado	3,2	-0,5
Com carteira assinada	4,3	1,2
Sem carteira assinada	-2,3	-8,7
Setor público	2,2	-2,9
Autônomos	-3,2	4,3
Trabalham para o público	-0,6	4,7
Trabalham para empresa	-6,8	3,6
Empregadores	-8,4	1,7
Empregados domésticos	1,8	18,4
Mensalistas	-1,3	17,7
Diaristas	8,2	-(3)
Trabalhador familiar	-5,1	-(3)
Demais posições (2)	7,0	4,8

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

(1) Inclusive aqueles que não informaram o segmento em que trabalham.

(2) Incluem profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.

(3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Como consequência desse desempenho, elevou-se a proporção de assalariadas no setor privado com carteira de trabalho assinada (de 46,6%, em 2011, para 47,7%, em 2012), em que pesem a estabilidade observada entre as empregadas do setor público (10,5%) e a pequena retração na parcela de empregadoras (de 2,5% para 2,3%) (Tabela 4).

Destaque-se que a proporção das empregadas domésticas no total das ocupações femininas (14,7%), em 2012, é a menor da série da pesquisa. Em momentos de maior e mais diversificada oferta de trabalho, como é o caso do período recente, as mulheres tendem a se ocupar em atividades de maior prestígio e em setores mais estruturados, permanecendo nos serviços domésticos principalmente aquelas nas faixas etárias mais elevadas e com menor escolaridade. Nota-se, no entanto, tendência de ampliação da especialização das empregadas

domésticas, com o consequente aumento de formalização e remuneração, como no caso das babás, cuidadoras e outras atividades.⁴

Tabela 4
Distribuição dos ocupados, por sexo, segundo posição na ocupação
Região Metropolitana de São Paulo – 2011/2012

Posição na ocupação	Em porcentagem			
	Mulheres		Homens	
	2011	2012	2011	2012
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
Total de assalariados (1)	65,8	66,7	73,1	72,2
Setor privado	55,4	56,1	67,4	66,7
Com carteira assinada	46,6	47,7	56,0	56,3
Sem carteira assinada	8,8	8,5	11,4	10,4
Setor público	10,5	10,5	5,7	5,5
Autônomos	13,1	12,5	18,0	18,7
Trabalham para o público	7,6	7,4	10,7	11,1
Trabalham para empresa	5,5	5,1	7,4	7,6
Empregadores	2,5	2,3	4,9	4,9
Empregados domésticos	14,7	14,7	0,5	0,6
Mensalistas	9,9	9,6	0,5	0,5
Diaristas	4,9	5,2	- (3)	- (3)
Trabalhadores familiares	1,0	0,9	- (3)	- (3)
Demais posições (2)	2,8	3,0	3,1	3,3

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT

- (1) Inclusive aqueles que não informaram o segmento em que trabalham. Incluem profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc. A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Rendimento das mulheres aumenta mais do que o dos homens, principalmente nos Serviços

Em 2012, o rendimento médio real⁵ das mulheres ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo equivalia a R\$ 1.363 e o dos homens, a R\$ 1.990. Entretanto, como a jornada semanal média de trabalho dos homens (43 horas) é maior do que a das mulheres (39 horas), o rendimento médio real por hora torna-se a medida mais apropriada para comparar esses segmentos.

Para as mulheres, o valor por hora era de R\$ 8,24, em 2012, 5,8% superior ao registrado no ano anterior, e para os homens passou a equivaler a R\$ 10,70, também maior (5,2%) do que

⁴ Para conhecer as mudanças recentes e para uma análise detalhada do emprego doméstico na RMSP, ver: *O emprego doméstico no período de 2000 a 2009*. Boletim Mulher & Trabalho. Disponível em: www.seade.gov.br.

⁵ Os dados de rendimentos de 2012 referem-se ao período de dezembro de 2011 a novembro de 2012.

em 2011. Essa pequena diferenciação no ritmo de crescimento dos rendimentos do trabalho pouco impactou na aproximação entre os rendimentos feminino e masculino: em 2011, o rendimento médio por hora das mulheres correspondia a 76,6% do recebido pelos homens, proporção que passou para 77,0%, em 2012 (Gráfico 4).

Gráfico 4
Relação entre o rendimento médio real por hora de mulheres ocupadas
e o de homens ocupados (1)
Região Metropolitana de São Paulo – 2003/2012



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.
 (1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

O aumento do rendimento médio por hora de ambos os sexos, entre 2011 e 2012, refletiu a elevação diferenciada entre os setores de atividade econômica: para as mulheres, as maiores elevações ocorreram na Indústria de Transformação e nos Serviços e, entre os homens, no Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas e na Construção (Tabela 6).

Devido aos ritmos distintos na evolução dos rendimentos médios por hora obtidos nos setores de atividade para mulheres e homens, a relação entre os dois também foi diferenciada. Na Indústria de Transformação, o rendimento médio por hora das mulheres, que em 2011 correspondia a 67,6% do rendimento masculino, pouco se alterou e passou a equivaler a 67,9%, em 2012. No Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas essa relação diminuiu de 79,3% para 76,5% e, nos Serviços, aumentou de 70,8% para 72,5%, no mesmo período.

Tabela 5
**Rendimento médio real (1) por hora dos ocupados (1) no trabalho principal,
por sexo, segundo setores de atividade econômica**
Região Metropolitana de São Paulo – 2011/2012

Setores de atividade	Rendimento médio real por hora (2)				Variação 2012/2011 (%)		Rendimento das mulheres em relação ao dos homens (%)	
	Mulheres		Homens		Mulheres	Homens	2011	2012
	2011	2012	2011	2012				
TOTAL (3)	7,79	8,24	10,17	10,70	5,8	5,2	76,6	77,0
Indústria de Transformação (4)	7,51	7,83	11,11	11,53	4,3	3,9	67,6	67,9
Metal-mecânica (5)	9,66	9,77	12,62	12,66	1,1	0,3	76,5	77,2
Construção (6)	- (15)	- (15)	7,67	8,49	-	10,8	-	-
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (7)	6,13	6,29	7,73	8,22	2,6	6,4	79,3	76,5
Serviços (8)	8,21	8,72	11,59	12,03	6,2	3,8	70,8	72,5
Transporte, armazenagem e correio (9)	- (15)	- (15)	8,79	9,09	-	3,4	-	-
Informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; atividades profissionais, científicas e técnicas (10)	13,90	14,47	19,85	20,66	4,1	4,1	70,0	70,0
Atividades administrativas e serviços complementares (11)	5,68	5,88	6,82	7,17	3,5	5,2	83,3	81,9
Administração pública, defesa e segurança social; educação, saúde humana e serviços sociais (12)	11,12	11,84	16,84	17,73	6,5	5,3	66,0	66,8
Alojamento e alimentação; outras atividades de serviços; artes, cultura, esporte e recreação (12)	6,00	6,08	8,06	7,83	1,3	-2,8	74,5	77,6
Serviços domésticos (14)	4,87	5,27	- (15)	- (15)	8,0	-	-	-

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT

(1) Exclusive os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração
(2) Inflator utilizado: ICV-Dieese/SP. Em reais de novembro de 2012. Exclusive os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício. (3) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extrativas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar. (4) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar. (5) Divisões 24, 25, 26, 27, 28, 29 da CNAE 2.0 domiciliar. (6) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar. (7) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar. (8) Inclui atividades imobiliárias (Seção L da CNAE 2.0 domiciliar). (9) Seção H da CNAE 2.0 domiciliar. (10) Seções J, K, M da CNAE 2.0 domiciliar. (11) Seção N da CNAE 2.0 domiciliar. (12) Seções O, P, Q da CNAE 2.0 domiciliar. (13) Seções I, S, R da CNAE 2.0 domiciliar. (14) Seção T da CNAE 2.0 domiciliar. (15) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria. **Nota:** A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010. Vide nota técnica nº 12.

Por posição na ocupação (Tabela 6), o rendimento médio real por hora das mulheres aumentou de forma generalizada, o mesmo ocorrendo entre os homens. Para as assalariadas do setor privado com carteira de trabalho assinada, houve expansão de 1,8% e, para aquelas sem carteira, acréscimo de 6,7%; já para as empregadas do setor público a elevação foi de 5,2%. O rendimento por hora das trabalhadoras autônomas elevou-se em 13,3%. Entre os homens, o salário médio por hora cresceu principalmente para os assalariados sem carteira de trabalho assinada, autônomos e empregadores.

Tabela 6
 Rendimento médio real por hora dos ocupados (1) no trabalho principal,
 por sexo, segundo posição na ocupação
Região Metropolitana de São Paulo – 2011/2012

Posição na ocupação	Rendimento médio real por hora (2)				Rendimento das mulheres		2011	
	Mulheres		Homens		em relação ao dos homens (%)	2012		
	2011	2012	2011	2012				
TOTAL	7,79	8,24	10,17	10,70	76,6	77,0		
Total de assalariados (3)	8,52	8,82	9,65	10,18	88,3	86,7		
Setor privado	7,60	7,86	9,09	9,54	83,6	82,4		
Com carteira assinada	7,90	8,05	9,49	9,82	83,3	82,0		
Sem carteira assinada	6,26	6,68	7,25	7,88	86,3	84,7		
Setor público	13,86	14,59	18,42	19,06	75,3	76,5		
Autônomos	5,44	6,17	8,51	9,09	64,0	67,8		
Trabalham para o público	4,74	5,23	7,41	8,17	64,0	64,1		
Trabalham para empresa	6,55	7,56	9,95	10,57	65,8	71,5		
Empregadores	-(5)	-(5)	22,27	23,79	-	-		
Empregados domésticos	4,92	5,27	-(5)	-(5)	-	-		
Mensalistas	4,53	4,87	-(5)	-(5)	-	-		
Diaristas	5,82	6,44	-(5)	-(5)	-	-		
Demais posições (4)	-(5)	-(5)	13,54	15,35	-	-		

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

- (1) Exclusive os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.
 (2) Inflator utilizado: ICV-Dieese/SP. Em reais de novembro de 2012.
 (3) Inclusive aqueles que não informaram o segmento em que trabalham.
 (4) Inclui profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.
 (5) A amostra não comporta desagregação para a categoria.